

ORGANIZAÇÃO EM REDE DE COOPERAÇÃO: UM ESTUDO DA ASSOCIAÇÃO DE CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS ECO- RECICLA EM MANAUS

Rafael Ivan Freire Meneghini
(UFAM)

Ítalo de Oliveira Maciel
(UFAM)

João Pedro de Oliveira da Silva
(UFAM)

Jean Carlos Machado Alves
(UFAM)

Resumo

As atividades dos catadores de materiais recicláveis são importantes para o meio ambiente e para a sociedade, pois dessa forma há uma destinação correta para os resíduos da atividade humana. No entanto, são discriminados e marginalizados pela sociedade e como forma de resgate social estão descobrindo a economia solidária e a potencialidade da organização em rede como forma de reinserção na sociedade. Em Manaus, grupos como a ECO-RECICLA adotam a organização em rede para atingir seus objetivos. Com o intuito de investigar o uso da organização em rede pelos catadores, está sendo realizado um levantamento de dados da ECO-RECICLA com visitas semanais a sede da cooperativa. Por meio da pesquisa-ação, os catadores são parte atuante na solução de seus problemas. Verificou-se que a ECO-RECICLA carece de uma organização interna, a qual tem trazido problemas graves no desenvolvimento de suas atividades, afetando a relação da ECO-RECICLA com parceiros. Há ações positivas ao fortalecimento da rede de catadores e enquanto outras estão contribuindo de forma tímida. Dessa forma, muito há de ser feito para o fortalecimento da “rede” de catadores, com ações significativas que apresentem ótimas oportunidades e grandes desafios.

Palavras-chaves: Redes, Catadores e Economia Solidária

INTRODUÇÃO

A economia, sob o enfoque capitalista, é um sistema o qual princípios como o lucro e a propriedade privada das forças produtivas são defendidos e, aliados a esses fatores, novas tecnologias surgem, exigindo mão de obra qualificada em uma economia dinâmica. Nesse cenário, há uma maior produção de bens e serviços e o conseqüente estímulo ao consumo, estimulando novas oportunidades de emprego.

Contudo, à medida que anseios e objetivos são atendidos, aparece o lado negativo desse sistema, como a separação entre as pessoas aptas às vagas existentes e as pessoas não capacitadas o suficiente. Muitas vezes ainda as atividades das organizações não têm um planejamento adequado, podendo gerar resíduos em excesso, os quais sem uma destinação correta acarretam graves problemas ambientais.

Ademais, há o surgimento de desigualdades e injustiças sociais graves com o sistema vigente. Este cenário faz países como o Brasil tenham como grande desafio a redução da desigualdade social e a promoção e inclusão produtiva para gerar trabalho e renda para essa parte da população (CAMPOS, 2006, p. 36).

Surgem, dessa forma, os trabalhadores que ocupam as ruas e das ruas retiram o sustento de suas vidas. Esse fenômeno converge com a elevada complexidade socioambiental das cidades, que segundo Dias (2002), é fruto de um modelo predatório de apropriação da natureza, o que vem evidenciando os efeitos cumulativos da ação antrópica particularmente desde o início da década de setenta em todo o mundo.

Abreu e Barbosa (2005), explicam ainda que da associação dos problemas de resíduos com a exclusão da possibilidade de trabalho e produção surge a atividade do catador de resíduos sólidos, os quais são discriminados pela população apesar do importante papel social na sociedade. Esses trabalhadores se tornaram importantes agentes ambientais, pois suas atividades minimizam os problemas ambientais cada vez mais graves.

Analisando uma realidade mais específica a cidade de Manaus apresenta vários problemas socioambientais, além da grave falta de organização e de políticas públicas eficientes que atendam aos anseios da população. Existem grupos na cidade que, por meio de suas atividades, contribuem na amenização desses problemas urbanos como a ECO-RECICLA.

A ECO-RECICLA é uma associação de catadores intitulada de “Rede de Catadores e Reciclagem Solidária”, cujo objetivo é a geração de ocupação e renda por meio da coleta e catação de materiais recicláveis. Visa ainda à capacitação e resgate da cidadania de seus membros por meio da economia solidária. A associação está em funcionamento há 8(oito) anos e possui 22 bases espalhadas pelas diversas zonas de Manaus. Ela agrega uma cooperativa dos catadores, cuja finalidade é o beneficiamento e a comercialização do material reciclável coletado pelos catadores da associação.

Várias ações pontuais da associação são desenvolvidas, como parcerias, alianças, esforços de mobilização e até articulação com entidades. Entretanto, enfrenta alguns problemas como: contradições internas e dificuldades no relacionamento entre os setores públicos, privados e político, prejudicando no desempenho de suas atividades.

O mundo está em processo de mudança contínuo, proporcionando maior dinamismo nas relações sociais. Surgem novas formas de organização do espaço e uma contínua estruturação das atividades do mercado capitalista fortemente pautado em moldes competitivos. Nessas condições, novos instrumentos de geração de ocupação e renda precisam ser desenvolvidos: instrumentos baseados na gestão participativa e no desenvolvimento sustentável.

As redes e a economia solidária surgem como modelos alternativos ao capitalismo, fenômenos discutidos por Alves e Abreu (2005). Os autores defendem que os segmentos sociais, os quais lutam contra a injustiça, estão presentes na sociedade e têm descoberto o potencial da organização em rede como uma forma ou estrutura de organização capaz de reunir pessoas em torno de um objetivo comum.

A economia solidária tem sido uma estratégia eficiente na diminuição da exploração do trabalho e dos recursos naturais, geração de consumidores conscientes e cadeias produtivas solidárias, além de reinserir a população marginalizada do processo produtivo. Possibilita ainda aos agentes locais serem os atores principais para o desenvolvimento territorial e nacional. Para Alves et. al.(2007), a economia solidária é uma alternativa socioeconômica válida, caracterizada pela livre associação da população pautada em cooperativismo e autogestão. Essas associações de pessoas compõem o chamado Terceiro Setor, o qual vem suprir as lacunas deixadas pelo governo (primeiro setor) e por entidades privadas (segundo setor).

Segundo Kemp e Oliveira (2007), as práticas associativas da economia solidária, até há pouco tempo isoladas e dispersas, adquirem maior visibilidade quando se organizam em

redes, provocando mudanças e sofrendo transformações. No entanto, por ser objeto de escassa tradição de pesquisa e estudo no Brasil, esse fenômeno é um conjunto fragmentado com diferentes discursos.

É possível detectar aspectos da existência de uma rede, a qual necessita ser identificada, analisada e fortalecida para o desenvolvimento de ações concretas e eficientes na busca dos objetivos almejados pela ECO-RECICLA.

Assim, o presente trabalho tem como objetivo verificar até que ponto a ECO-RECICLA, sob o ponto de vista de sua organização em rede, estrutura-se em modelos de rede de tal forma que se tenha uma ação planejada gerida sob essa perspectiva.

Espera-se que com os resultados possam ser fortalecidas ações de movimentos capazes de gerar ocupação e renda de forma mais justa e socialmente responsável como também auxiliar em políticas públicas mais eficientes.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Economia Solidária

A economia solidária tem ganhado importância por ser uma alternativa de geração de ocupação e renda para a população excluída do mercado atual. É uma resposta aos interesses da população de baixa renda, geralmente com um nível de instrução não compatível para as exigências do sistema vigente. É também um dos meios que reduzem as injustiças sociais existentes. De acordo com a literatura, conceituar economia solidária é uma tarefa difícil, porque é um tema de pesquisa recente e com uma multiplicidade de definições (IASKIO, 2007, p. 50).

Para Singer (2002, p. 10), a economia solidária é outro modo de produção, cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual. A aplicação desses princípios une todos os que produzem em uma única classe de trabalhadores que são possuidores de capital por igual em cada cooperativa ou sociedade econômica.

Carleal (2003) apud Iaskio (2007, p. 52) já compreendem economia popular solidária como uma pluralidade de tipos de empreendimentos econômicos, resultantes da associação voluntária de pessoas, nos quais assumem formas variadas de organização (cooperativas, associações, grupos) pautadas pela gestão coletiva, a propriedade comum dos meios de

produção e as relações de trabalho normatizadas pelos princípios de autogestão, participação, cooperação, desenvolvimento humano e igualitarismo.

Nesses moldes, a economia solidária prega a cooperação, condena o sistema atual baseado na competição acirrada entre os diversos agentes socioeconômicos envolvidos e defende ainda que, por meio da economia solidária, haja o desenvolvimento humano das pessoas.

O cooperado, nesses moldes, tem o duplo papel no empreendimento solidário, visto que a autogestão impõe ao associado às tarefas de desenvolver as atividades do empreendimento e ao mesmo tempo ser responsável pela tomada de decisões que irão decidir o rumo do negócio.

Esse duplo papel dos trabalhadores exige um esforço adicional do associado do empreendimento solidário, pois, para a gestão democrática, é preciso o interesse do associado para pensar o futuro da organização. A sistemática desse tipo de empreendimento é simples, favorecendo todos os membros quando ocorre desempenho positivo e impondo os ônus em caso de uma gestão deficitária.

Para Singer (2002, p. 19), a maior ameaça da autogestão é o desinteresse dos sócios na recusa do esforço adicional que a prática democrática exige. Esse desinteresse, segundo o autor, parte principalmente dos sócios passarem adiante a responsabilidade de decidir os rumos da empresa solidária, cabendo a um grupo de pessoas tomarem as decisões.

Diferentemente da economia de mercado, não há níveis hierárquicos. Todos têm o mesmo nível na empresa solidária, podendo haver, dependendo do tamanho da organização, uma direção escolhida pela instância máxima – a assembleia geral.

2.2 Redes

A organização em forma de rede é uma prática adotada nos últimos anos em resposta a uma economia dinâmica o modo e a forma do relacionamento interno e externo é um desses aspectos, seja de pequeno ou grande porte.

As redes também apresentam uma potencialidade, pelo qual motivo vem sendo adotada por organizações, porém, não se restringe aos setores industriais e capitalistas, como explica Alves (2010). O autor explica que segmentos sociais sujeitos a injustiças sociais descobriram e utilizam o potencial das redes como estratégia de agregar a população e instituições na busca de objetivos comuns. Esse padrão apresenta como características

principais a flexibilidade e dinâmica da estrutura, assim como adota a democracia e a descentralização no processo de tomada de decisão.

A literatura sobre as redes é vasta e rica conceitua-se, de forma simplificada, as redes como ações em conjuntos de diversas unidades, que por meio de um fluxo de informações, promovem o fortalecimento da rede como um todo.

Já para Castells (1999), as redes são uma nova morfologia social de nossa sociedade e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura.

Dentre os tipos de redes, há as redes solidárias, conforme trabalhos de Mance (2001), esse tipo de rede tem base na colaboração solidária e procura o bem viver individual e coletivo como o maior objetivo, permitindo a não exclusão das pessoas do processo produtivo assim como diminui a degradação dos ecossistemas.

O modelo de rede defendido por Mance (2001) adota como princípio o respeito aos ecossistemas, promovendo um desenvolvimento ecologicamente sustentável. Esse desenvolvimento trabalha a ecologia em três esferas. Na esfera ambiental, fala-se sobre a preservação dos ecossistemas como um todo, enquanto a esfera social cuida da reconstrução das relações interpessoais, procurando remediar a degradação já existente, e por fim a esfera mental ou subjetiva, a qual recuperação coletiva da saúde psíquica de todos.

Para aproveitar o potencial da organização em redes, as organizações procuram se aperfeiçoar durante seu tempo de vida, consolidando uma posição conquistada ou igualar-se ao seu concorrente. Nesse processo, são três os agentes principais envolvidos:

- Primeiro Setor: Estado, por meio de Governos, Prefeituras, Ministérios e outros;
- Segundo Setor: Mercado;
- Terceiro Setor: Sociedade civil organizada.

Porém, os problemas enfrentados por essas organizações são de diferentes complexidades, como afirma Bittencourt e Feuerschutte (2009), de modo que a capacidade de atuação de um setor perante os desafios impostos é deficitária, ou seja, nenhum deles consegue agir efetivamente e eficazmente, por conta própria. Portanto, os objetivos ficam comprometidos com a ação isolada dos setores e agentes, sem o apoio de outros.

Dessa forma, as organizações procuram fazer alianças e parcerias visando o fortalecimento da mesma e, conseqüentemente, obtendo o êxito em suas atividades. Contudo,

alguns fatores são importantes serem considerados numa relação de parceria e/ou aliança, como tempo de duração, grau de identidade de parceiros, compartilhamento de crenças e valores, impacto da ação e do trabalho conjunto.

No quadro 1, encontra-se um quadro-resumo da caracterização de uma parceria ou aliança de Bittencourt e Feuerschutte (2009).

Quadro 1: Distinção entre parceria e aliança estratégica intersetorial.

Indicador	Conceito		Autores
	Parceria	Aliança	
Tempo de duração	Ações pontuais	Ações de longo prazo ou associações permanentes	Noletto (2000); (Tachizawa, 2002)
Necessidade de complementaridade	Partem da necessidade de intercomplementaridade e de recursos e capacidades entre organizações	Partem da constatação de que podem atuar isoladamente, mas desejam potencializar sua atuação juntos.	Noletto (2000); Senna in Gife (2001)
Grau de identidade	Necessidade de pouca ou nenhuma identidade	Grande identidade entre si.	Noletto (2000)
Compartilhamento de crenças e valores	Exige pouco compartilhamento	Compartilhamento de visões e valores semelhantes	Noletto (2000); Senna <i>apud</i> Gife (2001); Austin (2001)
Definição de planejamento, objetivos e papéis	Necessária	Imprescindível	Lins <i>apud</i> Gife (2001); Austin (2001)
Dimensão da ação	Ações pontuais de menor dimensão	Perenidade no relacionamento e maior dimensão	Noletto (2000); UNESCO (2001)
Impacto da ação	Menor impacto, médio e curto prazo	Maior impacto, perenidade	Setúbal (2001)
	Comprometimento	Colaboração com foco	Spink (2001)

	substantivo e grande impacto	específico, médio prazo	curto e	
--	------------------------------	-------------------------	---------	--

Fonte: Aliança Capoava (2005) apud Bittencourt e Feuerschutte (2009, p. 6)

2.3 Catadores de Materiais Recicláveis

Desde 2002, sob o registro 5192-05 na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), os catadores são sujeitos que catam, selecionam e vendem materiais recicláveis como papel, papelão e vidro, bem como materiais ferrosos e não ferrosos e outros materiais reaproveitáveis (CBO, p. 806).

Entende-se por resíduos, de acordo com a Política Nacional de Resíduos Sólidos (Lei nº 12305 de 2 agosto de 2010, Art 3º. Inciso XVI), como o material, substância, objeto ou bem descartado resultante de atividades humanas em sociedade, a cuja destinação final se procede, se propõe proceder ou se está obrigado a proceder, nos estados sólido ou semissólido, bem como gases contidos em recipientes e líquidos cujas particularidades tornem inviável o seu lançamento na rede pública de esgotos ou em corpos d'água, ou exijam para isso soluções através da melhor tecnologia disponível.

Já os geradores de resíduos sólidos, segundo a lei citada, são as pessoas físicas ou jurídicas, de direito público e privado, que geram resíduos sólidos por meio de suas atividades, nelas incluindo o consumo.

Para o exercício da profissão catador não é exigido nenhuma escolaridade ou formação profissional, explicando em parte o perfil do público praticante da atividade. Antes considerado como meio de subsistência, os catadores passaram a se mobilizar para reconhecimento da atividade como profissão, obtendo apoio de organizações não governamentais (ONG) e organizações religiosas. Porém, os catadores possuem estrutura de trabalho deficitária e condições impostas são precárias.

Logo, eles procuram se organizar em cooperativas e associações para, coletivamente, assumir um papel mais decisivo na sociedade, desenvolvendo diversas ações específicas, como a negociação de materiais recicláveis de acordo com a produção obtida.

Para auxiliar os catadores, a Lei de no 12.305, de 2 agosto de 2010, incentiva a atividade do catador. Incentivos esses que podem ser o incentivo à criação e ao desenvolvimento de cooperativas ou de outras formas de associação de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis, metas para a eliminação e recuperação de lixões, associadas à inclusão social e à emancipação econômica de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis. Como também, implantação de infraestrutura física e aquisição de equipamentos para cooperativas ou outras formas de associação de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis formadas por pessoas físicas de baixa renda.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Quanto aos procedimentos metodológicos foram utilizadas pesquisas bibliográficas e documentais. As atividades desenvolvidas têm como base a pesquisa ação que segundo Nasciutti [20--?], a principal característica da pesquisa-ação, neste caso, não se limita à implicação do pesquisador. Os atores sociais envolvidos na pesquisa também estão comprometidos nas suas práticas sociais, buscando um sentido para as mesmas e procurando lidar com os problemas coletivamente, confrontando a si próprios. O confronto possibilita uma reflexão do trabalho com os problemas e com a realidade social que vivem. Ao mesmo ponto, internamente, os atores confrontam-se a si próprios.

No quadro 2 encontra-se outras características da pesquisa-ação de acordo com Tripp (2005, pág 447) .

Quadro 2: Onze características da pesquisa-ação

Linha	Prática Rotineira	Pesquisa-ação	Pesquisa Científica
1	habitual	Inovadora	original/financiada
2	repetida	Contínua	Ocasional
3	reativa contingência	pro-ativa estrategicamente	metodologicamente conduzida
4	individual	Participativa	colaborativa/colegiada
5	naturalista	Intervencionista	Experimental
6	não questionada	Problematizada	contratual (negociada)
7	com base na experiência	Deliberada	Discutida
8	não-articulada	Documentada	revisada pelos pares
9	pragmática	Compreendida	explicada/teorizada
10	específica do contexto		Generalizada
11	privada	Disseminada	Publicada

Fonte: Tripp, 2005, pag 447.

Quanto à abordagem, foram realizados inicialmente, o contato com lideranças da associação da ECO-RECICLA para levantamento de novos dados. Também serão aplicados formulários de pesquisa para entrevista, com perguntas estruturadas e não estruturadas (abertas e fechadas).

Os trabalhos de campo estão divididos em 2 (dois) momentos:

- Etapa preliminar: O objetivo desta etapa é a identificação de todos os elementos e atores envolvidos com a ECO-RECICLA, por meio de reuniões com as lideranças;
- Etapa intensiva: De duração maior, será a etapa onde serão entrevistados todos os envolvidos.

Após tratamento e análise dos dados em programas específicos de tabulação, serão emitidos 2(dois) relatórios. O primeiro relatório (parcial) disporá sobre análises ainda preliminares, os trabalhos realizados até a data de emissão e sobre os resultados. O último relatório (final) trará os resultados da pesquisa, as conclusões e proposições. Inserido junto ao relatório final, será incluído os esforços de devolução à população.

Há participações em reuniões e outras atividades, ou seja, um acompanhamento das ações – internas e externas - realizadas pela associação.

A próxima etapa será a aplicação dos questionários baseados no mapeamento já realizado na primeira etapa onde já foram possíveis constatar algumas questões vinculadas a temática do trabalho.

4 RESULTADOS PARCIAIS E ANÁLISES.

O pré-diagnóstico realizado da ECO-RECICLA identificou os atores da rede de catadores, os fluxos de informações, influências e os possíveis traços de redes existentes na ECO-RECICLA, assim como algumas práticas que dificultam as concretizações das ações dos catadores. Na análise interna da ECO-RECICLA foram encontradas falhas estratégicas graves que comprometem as ações propostas pelos membros da associação.

A princípio, o objeto de estudo era a associação, pois era ela que caracterizava a ECO-RECICLA, contudo foi constatada a inexistência de limites mensuráveis sobre o que é a cooperativa e o que é associação. Há uma indefinição dos papéis da associação e da cooperativa e ainda foi constatado, mesmo que involuntariamente, a ideia da existência de um “chefe” dos catadores. Essa centralização na gestão da reciclagem de materiais está vindo em

sentido contrário com os princípios do cooperativismo, o qual trabalha a ideia da descentralização do poder, defendendo a participação ativa dos catadores na gestão da ECO-RECICLA. No entanto, de acordo com observações in loco na sede da cooperativa, há possivelmente apenas o interesse dos catadores no seu sustento, não estando os mesmos engajados em torno de um mesmo objetivo.

Infelizmente, tais práticas estão possivelmente enfraquecendo a ECO-RECICLA, principalmente sob o aspecto de redes, visto que inexistem ou há poucas ações de fortalecimento das relações sociais. Há ações tímidas quanto à formação dos catadores, pois a relação dos catadores versus cooperativa ocorre, a princípio, apenas na sede, sem contatos mais frequentes como visitas às bases por exemplo. A falta de formação de catadores pode representar ainda a inserção de pessoas em uma realidade desconhecida, representando uma ameaça em potencial para o crescimento e desenvolvimento da ECO-RECICLA.

Ainda há outros problemas graves na associação que enfraquecem a suposta organização em rede, dentre eles, citam-se problemas logísticos internos como o layout de organização de máquinas e materiais recicláveis e a sistematização dos processos de beneficiamento. Outro grande desafio a ser vencido é a rota do caminhão, que é feita sem base em nenhum estudo, portanto sendo realizado esse planejamento de forma aleatória, de acordo com a demanda. Existem empresas dispostas a doar materiais como papel e papelão para a ECO-RECICLA, porém muitas deixam de realizar a doação em vista do não cumprimento de prazo para coleta dos materiais.

Essa atitude já mostra algumas conseqüências como a reclamação dos catadores na demora da coleta dos materiais. Várias oportunidades de negócios podem estar sendo perdidas, prejudicando o crescimento e fortalecimento das atividades econômicas da associação. É evidenciada ainda a necessidade de planejamento das atividades, pois, nas condições atuais, a ECO-RECICLA encontra-se em situação desfavorável.

Dessa forma, é certa também a existência de potencialidades ainda não exploradas, como uma maior participação da ECO-RECICLA junto a sociedade, a possibilidade do aumento de volume de produtos beneficiados e um engajamento mais insinuante dos catadores.

Em uma análise externa o cenário não é tão diferente constatou-se que os parceiros, os quais não são catadores, são na maioria do Terceiro Setor, como ONGs, Arquidiocese de Manaus, o Fórum Brasileiro de Economia Solidária - FBES, UFAM, entre outros que integram essa “rede”.

O que tem sido percebido durante as visitas semanais é que não há um processo de seleção criterioso de parceiros, impossibilitando a análise das vantagens e desvantagens da parceria ou da aliança. Em virtude do descuido na escolha de parceiros, foram identificadas ações pontuais e, em sua maioria, de cunho produtivo e político.

Dentre os parceiros analisados, destaca-se a Arquidiocese de Manaus via CÁRITAS, a qual participava como uma aliada até 2008. Havia uma tendência, segundo dizeres dos catadores, de “incubar” a ECO-RECICLA, centralizando involuntariamente as atividades na figura de uma pessoa da CÁRITAS responsável. A solução foi o rompimento desse tipo de relacionamento, passando a CÁRITAS realizar ações pontuais de assessoramento na questão gerencial e política.

Ações como as praticadas pela CÁRITAS são iguais, em sua natureza, as praticadas pela UNISOL Brasil e a ONG “Doe Seu lixo”. Ressalta-se que esta última, a organização não-governamental, teve suas atividades encerradas junto a ECO-RECICLA por estar realizando atividades que estavam contribuindo de forma negativa para a ECO-RECICLA.

Há parcerias que envolvem apenas transferência de “benefícios”. Por meio de um assessor, o Banco do Brasil oferece uma linha de financiamento de até R\$ 3.000,00 por catador para o desenvolvimento das atividades, por meio do programa “Desenvolvimento Regional Sustentável (DRS)”.

A parceria mais vantajosa encontrada na ECO-RECICLA é com a Universidade Federal do Amazonas, por meio do projeto do Parque Científico e Tecnológico para Inclusão Social – PCTIS e grupo INTERAÇÃO, vinculado a UFAM. Esse grupo trabalha na formação dos catadores e a divulgação dos mesmos, já que a ECO-RECICLA objetiva sua presença em outros municípios do Amazonas.

Foi detectada, ainda, a ausência da ação da prefeitura local e do governo do estado, o que é curioso, visto a existência da Política Nacional de Resíduos Sólidos e pelo papel socioambiental que os catadores desenvolvem auxiliando, principalmente, na limpeza pública.

A ECO-RECICLA, até a presente data apresenta características de mais de um tipo de rede é preciso de dados consolidados para identificar se realmente essas redes detectadas previamente estão presentes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o presente trabalho esteja em desenvolvimento, já são possíveis algumas considerações sobre a ECO-RECICLA, suas atividades e sua “organização” em rede, na qual

muitas possibilidades e desafios estão por vir. É uma realidade que promove um olhar diferenciado para as organizações de Terceiro Setor e especificamente as associações de catadores de materiais recicláveis.

Dentre os múltiplos aspectos de destaque, cita-se o potencial das organizações de catadores se bem organizados e mobilizados e seu impacto econômico e ambiental na sociedade. Porém, há uma desorganização interna que prejudica as atividades em níveis administrativos, produtivos, humanos e técnicos.

Essa questão é preocupante, pois este setor tem fundamental importância para a sociedade, pois atua no processo de reciclagem e destinação adequada dos materiais recicláveis, estágio do ciclo de vida dos produtos com pouca ou nenhuma significância para a sociedade em geral. É necessário desenvolver uma cultura a respeito dos catadores, atribuindo a importância devida a essas pessoas iniciando-se pela conscientização dos próprios atores envolvidos.

A economia solidária é um meio pelo qual os catadores de materiais recicláveis encontraram como geração de ocupação e renda e tem ganhado grande relevância e vem se tornando talvez a única solução para sobreviver. No entanto, como modelo de desenvolvimento, deve ser pensado e conduzido com muito cuidado, já que corre o perigo de replicar aspectos do modelo predatório do capitalismo.

A ECO-RECICLA apresenta um estágio de economia solidária em processo de construção, apresentando práticas condizentes com a esse tipo de economia e suas intenções são as melhores possíveis. Contudo, atitudes isoladas e coletivas podem comprometer seu desempenho como a centralização da gestão e o comportamento individual do cooperado ou associado que pode gerar degenerações, impedindo a prática da autogestão.

Existem organizações que apoiam a causa dos catadores e da economia solidária, as quais são parceiros e aliados de fundamental importância na consolidação do modelo de desenvolvimento sustentável, com as respectivas restrições. E, como parte natural do processo, há a existência de organizações tirando vantagens dos catadores.

É de se pensar nos efeitos da multiplicidade dos traços de redes presentes na ECO-RECICLA, pois a coexistência de várias redes pode tanto contribuir para o fortalecimento no desenvolvimento das atividades como pode enfraquecer os catadores como unidade. Suscita-se ainda a dificuldade em descobrir o tamanho da “rede” de catadores e seus respectivos atores em virtude, a princípio, pela indefinição do modelo de rede que é adotado pela ECO-RECICLA.

Dessa forma, se possível, será necessário determinar qual o tipo mais adequado de práticas de gestão da ECO-RECICLA e o relacionamento com parceiros, pois a ECO-RECICLA interage com diversos setores da sociedade e a adoção de um modelo de rede influenciará diretamente no desempenho almejado com os próprios catadores e parceiros.

6 REFERÊNCIAS

- ABREU, J. C. **Cooperativismo popular e redes solidárias**. São Paulo: All Print Editora, 2007;
- ABREU, J. C.; BARBOSA, V. R. Monitoramento do processo de gestão da associação de catadores de materiais recicláveis de São João del Rei. In: **Congresso Internacional de Economia Solidária**. USP. 2005
- ALVES, J. C. M. A.. **Desenvolvimento de consciência socioambiental em cadeias produtivas de base artesanal: uma proposta metodológica**. Dissertação de Mestrado. PPGEP/UFSM. Santa Maria, RS, 2010;
- ALVES, J. C. M. et. AL. Economia Solidária: a quem pertence esse movimento? In: **Cooperativismo popular e redes solidárias**. São Paulo: All Print Editora, 2007;
- BITTENCOURT, J. P.; FEUERSCHUTTE, S. G. Parcerias e alianças intersetoriais: oportunidades e desafios às organizações de terceiro setor. In: **anais SIMPOI**, 2009;
- BRASIL. **Lei nº 12.305 de 2 de agosto de 2010**. Dispõe sobre a Política Nacional de Resíduos Sólidos;
- CAMPOS, H. K. T. Articulação e integração das ações para gerar trabalho e renda. In: **Geração de trabalho e renda, economia solidária e desenvolvimento local: A contribuição da Fundação Banco do Brasil**. Fundação Banco do Brasil: Publisher Brasil, 2006;
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1;
- Classificação Brasileira de Ocupações: CBO - 2010 - 3a ed.** Brasília : MTE, SPPE, 2010. v. 1 828p;

- DIAS, S. M. **Construindo a cidadania: avanços e limites do projeto de coleta seletiva em parceria com a ASMARE**. Dissertação de M.S.c., FAFICH/UFMG, Belo Horizonte, MG, Brasil, 2002;
- IASKIO, E. L. S. O que é Economia Solidária?. In: **Cooperativismo, Economia Solidária e Inclusão Social: Métodos e Abordagens**. Curitiba: UFPR, 2007;
- KEMP, V.H. OLIVEIRA, A. L. Inserção subjetiva em empreendimentos solidários. In: **Cooperativismo popular e redes solidárias**. São Paulo: All Print Editora, 2007;
- MANCE, E. A. **A revolução das redes: a colaboração solidária como uma alternativa pós-capitalista à globalização atual**. Petrópolis: Vozes, 2001;
- NASCIUTTI, J. C. R. **Reflexões sobre o espaço da psicossociologia**. Programa EICOS. Instituto de Psicologia. UFRJ. [...];
- SINGER, P. **Introdução à Economia Solidária**. 1 ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abrame, 2002;
- TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. In: **Educação e Pesquisa**. Vol. 31. Ed. 3. São Paulo. Set/Dez, 2005;